

Um homem visivelmente envelhecido, utilizando um chapéu e vestindo um sobretudo que carrega momentos da sua vida. Um protagonista sem nome, perdido numa cidade que lhe parece estranha e hostil. A união entre histórias, nos lugares que vai habitando, numa peregrinação em busca de abrigo. Uma história com histórias dentro.

Um homem que, ao viajar pelo seu “ser”, se conhece, conhecendo o “outro”, que afinal é ele próprio.

Poder-se-ia olhar para esse homem como mais um homem, o que não deixa de ser verdade, mas este homem também representa todos os seres humanos, porque a sua alma é um conglomerado de civilizações passadas, presentes, fragmentos de livros, de notícias de jornais, de vidas, de histórias, de homens e de mulheres.

Num diálogo feito de “si” para “si”, onde expressa as suas dúvidas, os seus desejos mais íntimos, as suas desilusões, aquilo de que se lembra e de que não se lembra, das suas alegrias ou das suas tristezas, lá vai caminhando, morto ou vivo (ou as duas coisas), num discurso cortado por dúvidas, por perguntas e por respostas, pedidos, insultos e queixas.

Nas histórias que conta, na história de Joe Breen (ou Breen?), residem o amor, o ódio, a vaidade, a juventude, a velhice, a palavra, o silêncio, o mistério do “eu”...

Hugo Sancho

Segundo Peter Brook, são necessários os seguintes requisitos mínimos para que o teatro aconteça: dois atores no palco e pelo menos uma pessoa a assistir. Diz ainda o mestre que o ‘one man show’ nunca o convence, porque não é uma ‘evocação da vida’ e lhe falta sempre qualquer coisa: “Falta o que acontece entre duas pessoas frente a frente e perante um público” (*O diabo é o aborrecimento*, Porto: Asa, pág. 24). Quando aceitei orientar o presente trabalho de projeto de Mestrado do Hugo Sancho, tinha bem presentes essas considerações de Peter Brook, com as quais concordava tacitamente, baseando-me na minha experiência de espectador. Por isso vi nele uma oportunidade para, do ponto de vista da pesquisa que tenho vindo a desenvolver, me confrontar com essa realidade, desta feita por dentro do processo de criação.

O processo de criação teatral é, por natureza, doloroso e complexo, dado que a matéria-prima com que o ator inventa é a sua própria humanidade. Num coletivo, porém, esse trabalho difícil e moroso é partilhado, funcionando o grupo como uma espécie de sistema de vasos comunicantes que vai potenciando o melhor de cada um em cada momento, num regime de interdependência que ajuda a ultrapassar bloqueios, incompreensões, obstáculos. Quando o ator trabalha sozinho, como foi o caso, depende apenas

dele e do seu estado em cada momento, não podendo valer-se do parceiro de contracena para resolver as dificuldades que encontra: é que o encenador, elemento externo à cena, só pode orientar, estimular, sugerir. A profunda solidão do processo de criação do ator que ensaia um monólogo nega, indubitavelmente, a natureza coletiva da arte do teatro e, por isso, o resultado também não é bem teatro. A imagem que tenho, findo o trabalho, é a de um homem isolado numa ilha distante com um interlocutor invisível cujo papel é apenas o de o obrigar a confrontar-se com essa atroz solidão: poderá, ainda assim, esse homem estar em profundo contacto com os outros seres humanos? Creio que não: está, sim, inevitavelmente embrenhado na sua própria humanidade, desesperadamente só, desesperadamente só. E há nessa situação qualquer coisa de antinatural: é que até Robinson Crusoe tinha o seu Sexta-Feira.

Fui, contudo, descobrindo – e também graças ao texto de Samuel Beckett interpretado por Hugo Sancho – que o ato a que vão assistir é uma estranha evocação da vida urbana, da imensa solidão em que vivemos no meio da multidão.

O espetáculo resultante deste trabalho será teatro, como se interrogaria Peter Brook? Talvez não seja, mas há nele qualquer coisa de notável: é como se fôssemos testemunhas de um aflito ato de criação que o único sobrevivente de um grande desastre natural representa diante dos fantasmas dos milhões de outros seres humanos entretanto desaparecidos. Porque é isso que me sinto, quando assisto ao que Hugo Sancho faz no palco: uma espécie de testemunha-fantasma da vida que, apesar de tudo, continua a acontecer enquanto aquele ser humano continuar a respirar e a contar e a contar. Aquele sobrevivente de um mundo ainda mais devastado do que o de Gogo e de Didi e a quem não resta outra forma de vida senão a de reinventar-se contando-se.

E no final dos espetáculos em que a inspiração se digna aparecer, torna-se surpreendentemente verdade que todos falámos, todos ouvimos, todos penámos, todos brincámos.

António Branco

Ficha Artística

O Homem..... Hugo Sancho

ENCENAÇÃO E DIREÇÃO DO ATOR António Branco

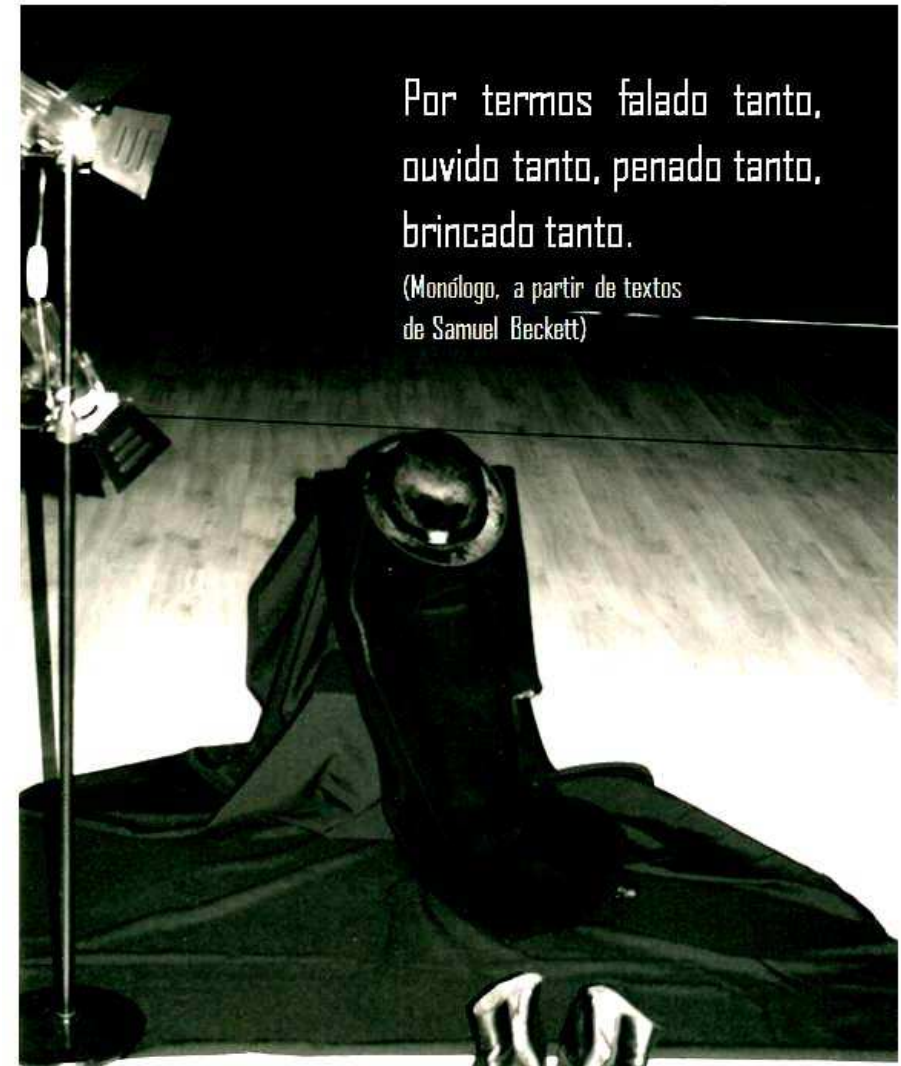
DRAMATURGIA E ADAPTAÇÃO DO TEXTO António Branco e Hugo Sancho, a partir de *O Calmante* e de *Textos para nada I*, de Samuel Beckett (tradução de Maria Vilar de Figueiredo)

ILUMINAÇÃO, CENÁRIO, ADEREÇOS E FIGURINOS António Branco e Hugo Sancho

[Duração: 50mns, sem intervalo]

Este monólogo foi realizado enquanto Trabalho de Projeto para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação, Cultura e Artes, na especialização em Teatro e Intervenção Social e Cultural.

Diretora do Curso: Prof. Doutora Mirian Nogueira Tavares
Subdiretor do Curso: Prof. Doutor José Paulo Pereira



Por termos falado tanto,
ouvido tanto, penado tanto,
brincado tanto.

(Monólogo, a partir de textos
de Samuel Beckett)

Interpretação: Hugo Sancho

Orientação e encenação: António Branco
Trabalho de Projecto no âmbito do Mestrado em Comunicação, Cultura e Artes - Especialização em Teatro e Intervenção Social e Cultural
Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2011